

A CIDADE DOS OUTROS*

Ernesto Venturini**

RESUMO

Os percursos costumeiros dentro da cidade em que vivemos desenham nosso “mapa da cidade”. A tipologia deste mapa depende fundamentalmente de nosso nível social. Examinou-se, anteriormente, o mapa da cidade dos pacientes que saíram do hospital psiquiátrico, para avaliar os efeitos da desinstitucionalização. Hoje, examina-se como vive o clandestino dentro das cidades italianas. O mapa do clandestino se baseia na degradação; evidencia mecanismos de intolerância e de acolhida; permite entender como as pessoas se enrijecem em suas posições ou, ao contrário, como as identidades dos sujeitos interagem e favorecem mudanças e emancipação. A escolha se funda na disponibilidade dos sujeitos e é fortemente influenciada pelas políticas públicas de respeito dos direitos das pessoas.

Palavras-chave: imigração; identidade social; urbanização; cidade moderna; xenofobia.

THE CITY OF THE OTHERS

ABSTRACT

In the city where we live each one of us usually goes to those places that have a special meaning. All these places describe one's map of the city. But the use of the city depends above of all on the social standing of a person. Before, it was considered the city map of patients discharged from psychiatric hospitals to understand the impact of deinstitutionalization. Today, it is necessary to consider the underground life of “illegal” immigrants in Italian cities. Their maps describe the social mechanism of refusal or acceptance. This helps us understand how people refuse to budge from their respective standpoints or on the contrary how the identities interact with each other and change. The choice results from the individual receptivity, but above all from human rights policies.

Keywords: immigration; social identity; urbanization; multi-ethnic society; modern town.

* Tradução de Myriam de Filippis.

** Psiquiatra, colaborador de Franco Basaglia no processo de desinstitucionalização na Itália, desde o princípio, em Gorizia e em Trieste. Contribuiu ativamente para o êxito da lei da reforma psiquiátrica na Itália. Foi diretor do Departamento de Saúde Mental em Imola e desempenhou papéis de responsabilidade na Saúde Pública na Região Emilia Romagna. É colaborador de Universidades italianas e internacionais e autor de alguns livros sobre psiquiatria e reforma psiquiátrica. Cooperou com a OMS (WHO) em alguns países da África. Como assessor da OPAS para a América Latina, acompanhou a reforma psiquiátrica brasileira desde 1992. Endereço: via Gaudenzi 13 40137 Bologna. E-mail: gof9013@iperbole.bologna.it.

Para ver uma cidade não basta ter os olhos abertos. Antes de mais nada é preciso ver tudo aquilo que impede ver, todas as ideias recebidas, as imagens pré-constituídas, que continuam ocupando o campo visual e a capacidade de compreender. Em seguida é preciso simplificar, reduzir ao essencial a enorme quantidade de elementos que a cada segundo a cidade põe diante dos olhos de quem a observa, e juntar os fragmentos espalhados em um desenho analítico e ao mesmo tempo unitário, como o diagrama de uma máquina pelo qual se possa entender como funciona

(I. Calvino, *Come è bella la città*, 1977)

Cada um de nós tem uma ideia própria da cidade e, em particular, da cidade onde vive; é uma ideia feita de coisas vividas e de lugares da memória. Nossos percursos habituais seguem uma lógica de conexões e relações. Segundo o nosso nível social, existem redes de comunicação que estruturam ou reafirmam nossa identidade. Existem lugares institucionalmente “deputados” para a troca: a praça, o mercado, o bar, o ponto de encontro desportivo ou cultural, onde confluem os percursos dos indivíduos. Existem lugares da alma, onde se desenrola a história da nossa vida. Na esfera local – no espaço físico dos lugares onde moramos, vivemos, que atravessamos – se aninham processos e fenômenos que podem dizer muito sobre a realidade global do mundo.

Alguns anos atrás realizei um vídeo para representar os lugares e as pessoas encontradas por Iole, uma “doente crônica” do hospital psiquiátrico de Imola,¹ durante seu perambular solitário pela cidade. Iole aceitara carregar uma câmera oculta, que levava sempre consigo. Iole era uma mulher de meia idade, surda e muda, que se expressava mediante sons guturais e estranhos neologismos. Para que a entendessem acentuava sua gestualidade e sua mímica, usava uma forte teatralidade, de que se gabava. Iole desafiava a normalidade da cidade impondo sua anormalidade. Eu intitulei este vídeo “A Cidade de Iole”. O vídeo era uma pesquisa sobre o mundo do “outro”. Eu queria descobrir os percursos de Iole, seus encontros significativos, quem a aceitava e quem a recusava. Queria conhecer a qualidade das trocas: trocas de objetos, de palavras, de olhares, de gestos. Queria documentar as atitudes dos moradores da cidade: a recusa, a aceitação, o silêncio, o deboche. Poderia ser um teste para acompanhar o consentimento e a repulsa que acompanhavam a superação do manicômio. Os passeios de Iole eram uma interface entre dois mundos, eram a área fronteira, o lugar onde se concretizavam a tolerância, a solidariedade, ou o racismo, o medo. Iole trazia à tona os “verdadeiros” sentimentos da cidade, expondo corajosamente a si mesma. Iole representava “a crise” social da desinstitucionalização, representava a impossibilidade de reduzir a desinstitucionalização a uma resposta normalizadora, despida de qualquer contradição.

Comecei então a refletir: qual é a imagem da cidade para quem nela é um estranho, para quem se sente diferente (quer se trate de um migrante, um deficiente físico ou um louco) em relação a seus habitantes? Talvez - eu me disse – além da cidade que conhecemos existe uma cidade para pessoas como Iole, uma cidade

em que Iole não somente pode se expressar, mas sobretudo pode se sentir à vontade, ser protagonista. Poderiam ser evidenciados pontos de contato ou de “contaminação” entre a cidade dos loucos e aquela dos chamados sãos. Podiam-se imaginar redes, percursos, mapas, nós de intersecção, pontos de atrito ou de encontro, diretrizes para uns e outros... setas de várias cores para indicar percursos diversos. Setas que no monitor de um computador multiplicavam e simplificavam os percursos individuais. Eu sobrepos os percursos de sujeitos que compartilhavam do mesmo destino social (por exemplo, os ex-pacientes do manicômio) comparando-os com aqueles da população comum. Não foi um trabalho científico rígido, foi apenas uma possibilidade de entender alguma coisa a mais. Descobrimos os lugares dos “loucos”, os nós da rede, onde confluíam vários percursos; alguns eram previsíveis, outros surpreendentes. Estes lugares eram o beira-rio, uma escola primária, uma loja de flores, um estacionamento para automóveis, a estação ferroviária, às vezes eram lugares excêntricos... lembro com emoção o percurso vespertino de Loredana, uma outra paciente “reabilitada”. Na ficha do Hospital Psiquiátrico de Imola o diagnóstico falava de “frenastenia”, e por isso Loredana vivera, desde criança, nos institutos, pois era considerada incapaz de ter uma vida própria autônoma. Finalmente, com 60 anos, podia viver em sua própria casa, no centro da cidade, fazia compras, cozinhava, limpava os cômodos e, toda noite, ia para a estação ferroviária. Ali encontrava Olindo, ele também um ex-interno. Ela vestia uma blusa de renda, ele, de rosto avermelhado, excitado, pegava na mão dela com delicadeza. Sentavam juntos num banco da plataforma 1, dos trens para o norte, e esperavam o trem das 20:15min. Observavam extasiados as pessoas que chegavam e partiam e olhavam longamente o trem que se afastava nos trilhos. Logo se levantavam, cumprimentavam o chefe da estação e os motoristas de taxi parados diante da estação e voltavam cada um para sua própria casa. Quando eu perguntava o motivo daquele encontro na estação, Loredana, com um brilho no olhar, me respondia: “Aquele trem vai para Paris! Entendeu? Vai para Paris... e um dia eu também vou subir naquele trem!” Na realidade, aquele trem ia só até Bolonha e Loredana nunca teria conseguido ir para Paris, mas aquele sonho e aquela emoção, sozinhos, enchem sua vida, e eu também começara a olhar de outra maneira, menos distraidamente, os lugares da sua cidade.

O vídeo “A cidade de Iole” mostrava muros invisíveis que atrapalham e separam (às vezes, apenas a falta de um banco de praça onde descansar, ou um sanitário público), porém mostrava também muros invisíveis mas reais que dividiam as pessoas e as camadas sociais (eram olhares de reprovação, indiferença, grosseria, proibições). Quais eram na cidade – eu me perguntava – os sinais ditados por regras nunca escritas embora evidentes que constituíam o *apartheid* dos diferentes, que faziam com que estes recuassem, desviassem, que empurravam para uma direção e não outra? Nossas cidades eram feitas sob medida para os idosos, as crianças, os migrantes, os deficientes físicos? Qual era a cidade do extracomunitário – eu me perguntava – qual era a cidade das crianças, do deficiente físico, do dependente de drogas, do idoso? Certamente existiam cem, mil cidades invisíveis desconhecidas para nós. Entre as pessoas que sofrem de uma doença mental formalmente reconhecida e aquelas que sofrem de “outras” condições de vulnerabi-

lidade psicossocial, geradas pela pobreza, pela violência, pela insegurança e pelo abandono, pela emigração forçada, pela exclusão, haviam de existir muitas coisas em comum: estigma, discriminação, violação de direitos. Pensei nos arquitetos e nos urbanistas no ato de idealizar as cidades: costumavam interrogar-se sobre as necessidades e sobre os desejos dos portadores de necessidades especiais que povoariam as cidades “deles”, ou pensavam apenas nas próprias necessidades e nas necessidades de quem lhe encomendava o trabalho? “A Cidade de Iole”, com seus limites e suas ambiguidades, representou para mim uma reflexão importante no processo de desinstitucionalização, me permitiu comprovar o estado de integração dos ex-pacientes, me ofereceu a possibilidade de descobrir os nós de uma rede de relações onde o paciente se reabilitava e a cidade reabilitava a si mesma. O louco liberado do manicômio representava naquele período o “irracional” que se defrontava com a “racionalidade” da cidade: o louco era, de alguma forma, o catalisador de uma mudança.

Anos depois me perguntei se aquela pesquisa ainda fazia sentido. Provavelmente sim, mesmo que o “escândalo” da presença dos loucos na cidade tenha diminuído muito, seja porque na Itália aumentara a tolerância para com eles (embora tolerância não signifique integração!), seja porque mudaram as figuras sociais que personificam, aos olhos do senso comum, o alarme social e a periculosidade. Hoje o protótipo do perigo na Europa, e particularmente na Itália, é o estrangeiro, o migrante: sua ameaça pode ser reconduzida à percepção de um homem sem casa. Não pertencer a um lugar protetor e impregnado de significados como a casa dá uma percepção de imprevisibilidade e periculosidade dos sujeitos. A cidade vista com os olhos do preconceito é tomada pelo medo: os estrangeiros não são confiáveis, roubam nosso trabalho e querem nossa riqueza. A razão gostaria de limpar a cidade, homogeneizando seus múltiplos odores e ruídos em uma dimensão desvitalizada e controlável. Pensei por isso em focalizar minhas reflexões sobre a maneira como os migrantes vivem a cidade, e por reflexo como a cidade, através de suas políticas de acolhimento ou recusa, incide sobre os mecanismos de identidade social dos estrangeiros.

A CIDADE GLOBAL

Inicialmente vamos tentar entender o que se tornou, hoje, a cidade em que vivemos, por que os fenômenos de globalização foram tão rápidos a ponto de tornar anacrônicas as pesquisas do passado. Vou me referir a uma cidade européia pós-fordista, de dimensões médias, excluindo de minha análise o fenômeno das metrópoles globalizadas.

A cidade contemporânea foi definida como “cidade genérica”.² A metáfora indica uma cidade flexível para as mudanças, na qual desapareceu o binômio centralidade/identidade. Esta visão conciliada ora da cidade é, porém, renegada pela realidade. Existem de fato fortes identidades de valor insignificante como os “shopping centers”, onde se perpetua o rito do consumo das mercadorias, e existem fracos desenvolvimentos urbanos, sem regras e sem formas, compostos por bairros novos e áreas abandonadas – os *terrains vagues* -terrenos baldios. Este

desenvolvimento foi rotulado como “*sprawl town*”: uma extensão desordenada, onde a difusão não depende apenas de como se ocupa o espaço, mas sobretudo de como se vive aquele espaço.³ Para alguns urbanistas a contemporaneidade se exprime na polivalência das novas construções e dos tecidos urbanos em perene estado de interação, abertos para a “modificabilidade” e para a “adaptabilidade”.⁴ Contudo, eu continuo sentindo que há um grande fascínio por lugares urbanos significativos, sinto a necessidade de catalisadores formais que ajudem a refletir sobre a modernidade. Deve-se também considerar que a “cidade dispersa” é também a cidade privada, onde todo abuso não somente não é sancionado, mas se torna legal no tempo. Sobre a ideia de um processo decisório administrado pública e democraticamente prevalece a fé cega no direito absoluto do indivíduo. De fato, a elogiada “informalidade” da cidade contemporânea (o *sprawl*, o urbanismo *botton-up*, a auto-organização e outras mitologias similares) na maioria dos casos resulta ser um cavalo de Tróia para as políticas de aproveitamento urbano. As cidades, que antes eram lugar de enraizamento, tornaram-se agrupamento de desconhecidos sem aquele tecido social que criava relações de confiança: as pessoas, mesmo sem se conhecerem, sabiam se submeter a uma lei não escrita que era o uso e os costumes dos moradores da cidade, sua cultura, suas tradições. Hoje não se exige mais de cada um a conformidade com as normas, que, por outro lado, são escassas e contraditórias, mas apenas sua flexibilidade e sua presteza em mudar de táticas e de estilos, a não ser que se disponha logo a pagar pessoalmente a conta de suas próprias escolhas. A explosão da cidade contém essencialmente tensões e conflitos, configura formas inéditas de agrupamento da vida social, mas também mostra aspectos originais de organização do trabalho e da economia. A cidade “compacta”, que a tradição urbana nos legou dos dois séculos anteriores, não se dissolveu de todo, mas se revela incerta. Mais do que uma estrutura sólida ou “líquida” (BAUMAN, 2008), a sociedade tornou-se uma “rede”, onde os indivíduos trocam mensagens funcionais, informações úteis, sem porém a riqueza subjetiva da comunicação direta. A incerteza do urbanismo contemporâneo é o espelho da incerteza crucial da sociedade, cada vez mais vítima de lógicas emergenciais e de alarme social.

A “AMEAÇA” DOS ESTRANGEIROS

Os fenômenos migratórios desde sempre acompanharam a história do homem; hoje, porém, na sociedade global, as imigrações se tornaram a marca de uma época. Na Itália foi a rapidez dos eventos que desencadeou uma situação de alarme social. O poder político instrumentalizou massivamente esta situação com a convivência complacente da mídia.

A mídia se compraz em descrever as chegadas, por mar, dos migrantes, mesmo que na realidade representem apenas uma pequena parte.⁵ Mas este cenário é útil para fins de propaganda: os desembarques são descritos com expressões como “ataques em massa” chamando à memória as invasões dos sarracenos. Estas viagens em embarcações precárias se concluem tragicamente: os povos que moram nas ilhas do sul estão acostumados ao desembarque de mães que seguram nos braços filhos mortos de inanição, e as redes dos pescadores pescam

corpos de migrantes afogados nos numerosos naufrágios.⁶ Os parques da cidade já são identificados pela mídia como o lugar da violência e do estupro perpetrado por estrangeiros contra mulheres italianas. O fenômeno é real, mas a reação é desproporcional: são promovidas históricas caçadas midiáticas à procura dos “monstros”⁷. As mansões das cidades do norte são a cena de assaltos cruéis feitos por estrangeiros do leste europeu. As salas de espera das estações tornam-se as cenas de novas “Laranjas mecânicas”.⁸ Em cidades como Roma e Milão são frequentes ataques racistas contra as comunidades dos romenos e dos bengaleses. Os Centros de Permanência Temporária são sede de rebeliões e incêndios, e os policiais “necessariamente” têm a mão um pouco pesada. As prisões acolhem um número de detentos duas vezes maior do que deveriam. Trinta e três por cento de todos os detentos são estrangeiros.⁹

Existe um estado de emergência permeado de lógicas de guerra. O raciocínio parece ser o seguinte: o fluxo de clandestinos representa uma situação extraordinária que exige soluções extraordinárias. Não é verdade, mas a declaração constitui um anteparo ideológico para ocultar a falta de reconhecimento dos migrantes como sujeitos de direitos. Para a lei italiana, somente com um trabalho regular pode-se requerer visto temporário, mas o paradoxo consiste em que, sem estar na Itália clandestinamente, nunca vai se encontrar trabalho. De fato, o migrante ou será enviado de volta para o seu país¹⁰ ou deverá tentar sobreviver na ilegalidade, com um trabalho informal, em condições de perigosa precariedade, com probabilidade de ser aliciado pela criminalidade e esperando, no final, regularizar sua situação por meio de uma sanatória periódica. O círculo da exclusão é diabólico: o migrante, por necessidade, é um “clandestino” e por isso deve ser tratado como um marginal, mesmo que não tenha cometido crime algum. A falta de um documento cria uma nova antropologia criminal. Mas a artimanha do visto temporário (deve-se levar na mais atenta consideração!) é funcional às lógicas do capital: o clandestino está fadado ao mercado informal, cuja existência permite ganhos ilegais e serve, antes de tudo, para enfraquecer a contratualidade dos trabalhadores regulares.

Qual é a recepção dos migrantes nas cidades? O prefeito da Lega Nord de Treviso retira os bancos dos parques para impedir aos estrangeiros de descansar na cidade. O prefeito centro-esquerdista de Florença, por motivos de segurança, prende os clandestinos que, ocupando o solo público, pedem esmola, vendem objetos artesanais ou lavam os vidros dos carros nos cruzamentos. O prefeito esquerdista de Bolonha, alegando querer proteger de possíveis enchentes os *rom*¹¹ que moram na beira do rio Reno, manda as escavadeiras para derrubar seus barracos. Imagens de santos, ursos de pelúcia, fogões, violões e qualquer outro material “perigoso” é esmagado pelas rodas das escavadeiras. Assim os *rom* “estão a salvo”. Em Ponticelli, perto de Nápoles, são queimadas as caçambas de lixo e as casas dos *rom*: é um pogrom ao grito “Morte aos sequestradores de crianças!”¹² A Lega Nord¹³ propõe tomar as impressões digitais de todas as crianças *rom*, quer obrigar os médicos a denunciar os migrantes clandestinos que os procuram para tratamento (mas os médicos se recusam), quer obrigar os professores a denunciar os pais clandestinos de seus alunos e denunciar como clandestinos os alunos que

completarem 18 anos (não sendo mais protegidos pelas leis dos menores). Para a lei nacional de segurança, a imigração clandestina vai ser classificada como crime.¹⁴ A lei torna legais rondas voluntárias de cidadãos que substituem os órgãos da polícia: tais rondas irão “defender” os italianos do Norte do perigo dos clandestinos. Comitês da Lega Nord mobilizam-se contra a possibilidade de construir mesquitas (a constituição italiana afirma o direito de liberdade de culto), alguns “leguistas” levam porcos (animais imundos para o Islam) para urinar nos terrenos destinados ao culto muçulmano.

É difícil entender como se pôde chegar a estas aberrações, que ofendem, antes de mais nada, os próprios cidadãos italianos. Meço com angústia a distância que me separa dos dias de “A cidade de Iole”. Como é possível falar da cidade sem falar desta violência e sem interrogar-se sobre a qualidade da vida do migrante? Hoje qualquer pesquisa só pode abordar este estrangeiro, que vou definir “clandestino”, usando uma palavra que considero injusta e ofensiva, mas que vou usar com intenção provocatória para apontar para a ideologia racista que a gerou. Não será mais possível usar a câmera oculta, até porque a tecnologia talvez sugerisse usar um sistema como o *Google Maps* que do alto dos satélites nos espia a cada instante. Usarei o acervo dos testemunhos para entender quais são os lugares institucionalmente concedidos aos clandestinos e quais os que foram por eles conquistados. Gostaria de entender onde manda o racismo e o medo e onde, ao contrário, a relação com quem não incorporou esta lógica de guerra pode gerar a esperança de um mundo mais justo.

OS LUGARES DA ESPERA

Os espaços da cidade institucionalmente deputados para os clandestinos são os centros de identificação e expulsão, as prisões, as instâncias da justiça, e, no caso dos *rom*, os campos de moradia temporária. Configuram-se como “lugares da espera” (PAONE, 2008), são contextos pobres de significado, onde o espaço é encaixe, acomodação provisória. São “não lugares”, conforme a definição do antropólogo Augé (1993), pela ausência de história, de identidade, de relação. Nestes espaços a emergência determina a precariedade, a disciplina e o controle.

Os centros de acolhimento dos migrantes¹⁵ estão situados na periferia das cidades; ficam abrigados em velhos quartéis, têm muros altos com arame farpado; são inacessíveis para a população. Habitualmente do lado de fora estão postadas patrulhas de polícia, mais para evitar manifestações de solidariedade do que para impedir fugas. No fundo o efeito mais evidente desta política se observa nos vigias e na própria opinião pública: a contenção confirma o acerto da política de exclusão, o abuso confirma a falta de direitos do abusado. Para todos os efeitos, são prisões para sujeitos que não cometeram crime algum. Nos centros de primeira acolhida¹⁶ (CPA) a medicalização dos espaços comporta formas de controle particularmente rígidas e justifica a segregação e a precariedade. A urgência do socorro suspende a identificação do sujeito, mas sem identidade falta a própria titularidade

dos direitos. A transitoriedade se torna condição permanente, de modo que a assistência humanitária justifica colocar o migrante em uma espécie de limbo, onde a organização pode vigiar declarando a vontade de assistir (FOUCAULT, 1979).

Esta condição, nas situações de espera difícil e demorada, como na prisão, se torna explosiva. A reflexão sobre o próprio passado, dramaticamente partido, somada à incerteza da palavra, faz com que surja um estado de forte sofrimento. Sayad (2002) fala de uma dupla ausência descrevendo a condição de quem perdeu o seu país de origem e no país que o acolhe é ao mesmo tempo incorporado e excluído. Existe a perda de qualquer possibilidade de colocação e de identidade: as pessoas estão “fora do lugar”, em qualquer lugar, são um estorvo em toda parte. Agier (2002) fala de uma condição humana que “se forma e se fixa à margem do mundo”. Compreende-se porque são freqüentes os atos de autolesão e as tentativas de suicídio que acontecem nos centros de identificação e nas prisões. Os suicídios são histórias de promessas não cumpridas, representam a vergonha para o fracasso de um projeto no qual a família de origem investira pesadamente. Os suicidas testemunham as “vidas descartáveis”(BAUMAN, 2003)!

As zonas de espera da cidade são ilhas marginais onde falta a relação com o contexto adjacente e a troca social com o exterior. Nas zonas de espera a pessoa não tem nome, apenas uma entidade abstrata – um clandestino! Esta circunstância permite mais facilmente a reificação das pessoas, serve para tornar menos pesado o sentimento de culpa do carcereiro. No cemitério de Lampedusa, o lugar de primeira acolhida dos clandestinos vindos do mar, existe uma área onde são enterrados os clandestinos desconhecidos. As lápides são anônimas, acolhem “não-pessoas”, não há quem chore por elas.¹⁷

O URBANISMO DO DESPREZO: O CAMPO ROM

Nas periferias das periferias, em contextos degradados, encontram-se os acampamentos dos *rom*, os migrantes mais excluídos entre os excluídos. São os lugares daqueles que nunca tiveram nenhuma força de representação, em fuga eterna da marginalização, da intolerância, e muitas vezes das áreas de guerra. A liberdade de movimento e de espaço constituiu desde sempre o bem mais precioso para a vida dessa comunidade. Mas o nomadismo sempre foi associado, segundo o senso comum dos *gagé*,¹⁸ a características de comportamento associal: indisciplina, ócio, roubo, sujeira. O preconceito acabou sendo condição de existência para os *rom*. Seu nomadismo, efeito da marginalização e da repressão, se transformou em estratégia de sobrevivência. Por essa razão os *rom* se consideram ideologicamente nômades e diferentes, embora, na concretude de sua vida, expressem contraditoriamente uma forte necessidade de residencialidade e de certezas. O crescimento da urbanização e a conseqüente variação do valor fundiário da terra reduziu o espaço disponível para os acampamentos dos *rom*, empurrando-os progressivamente cada vez mais longe da cidade na direção dos lixões ou de outros espaços inutilizados. Freqüentemente os *rom* são identificados como “inimigos” da sociedade civil e contra eles mobilizam-se comitês de cidadãos.

Expulsos de alojamentos abusivos embaixo de pontes e elevados, os *rom* são confinados, como grupos desprezados, em campos equipados, verdadeiras reservas, expressão de uma “moradia inferior”. A falta de políticas de acolhimento e de integração exprime a ideologia da recusa, ou até um verdadeiro urbanismo do desprezo (BRUNELLO, 1996). Qual é então a tipologia destes assentamentos? No “*rom-gueto*” são os *gagés* que impõem a ordem dos *trailers* e dos barracos, predispondo tomadas para a rede elétrica e canais de esgoto e impondo uma distribuição ao longo de linhas retas e paralelas. É a lógica das instituições militares, embora formalmente sejam aduzidas razões higiênico-sanitárias. O assentamento é desenhado no papel, seguindo um esquema de eficiência. Também nesse caso as filas paralelas servem para transmitir para o exterior a ideia de controle. Mas dessa forma a ideia do espaço do grupo *rom* é absolutamente desvirtuada. A distribuição espacial dentro da cultura *rom* reflete de fato relações de amizade ou hostilidade: a proximidade ou a distância dos *trailers* exprimem relações. Ao contrário, os acampamentos equipados são pensados como espaços de privação e de alienação.¹⁹ Em geral o acampamento se encontra além dos grandes estacionamentos, além do cinturão dos grandes galpões industriais, além dos imensos descampados da periferia. Os grandes viadutos das rodovias, com seu fluxo de veículos, com seu barulho contínuo, passam ao lado; as saídas das estradas trazem para perto desses acampamentos os grandes caminhões que circulam pela Europa. Até a periferia da cidade, com seus conjuntos habitacionais, fica distante, e no meio há o vazio, os terrenos baldios, sujos, os dejetos acumulados da cidade.

Os espaços da espera (os campos de refugiados, os centros de acolhimento, as prisões) representam uma maneira de estar no mundo caracterizada pela errância, pelo despojamento material, social e simbólico e pela total diferença em relação aos contextos de vida ordinária. Agier (2002) definiu estes lugares “a cidade nua”, onde todos os elementos que definem o “não lugar” encontram-se amplificados e onde é colocada entre parênteses a biografia dos sujeitos e suas identidades. O urbanismo da cidade nua não favorece as relações, não permite formas de enraizamento, não cria identidades individuais, nega relações simbólicas e patrimônios comuns. A cidade nua é funcional apenas para facilitar a circulação das mercadorias, é funcional para o acúmulo e a exploração.

Contudo, apesar da extrema privação que caracteriza a experiência da cidade nua, os clandestinos que moram nela adotam estratégias que podem ser reconduzidas a práticas de re-invenção do cotidiano. Isso tudo demonstra que as palavras podem reproduzir ideologias, mas os corpos das pessoas contam sempre a realidade. Todo discurso sobre os migrantes pode expressar abstração e mistificação, mas um corpo que se move na cidade exprime sempre a concretude das necessidades e dos direitos. Então, por meio de quais ações os migrantes produzem formas originais de interação com a cidade e com seus habitantes? Onde e como se manifestam? Qual é o mapa da cidade do clandestino?

O DIA DE UM CLANDESTINO

Às quatro da manhã ainda está escuro, mas já está na hora de levantar. Nosso clandestino dormiu junto com seus compatriotas (procuram ficar juntos para formar um grupo, pela familiaridade da língua, pelos hábitos comuns). Dormiu em um daqueles lugares sujos desta cidade nua, na “terra de ninguém”, na periferia, em uma construção abandonada ou em uma velha fábrica. Paradoxo do destino para lugares que no século passado representavam a produção industrial, tornados inutilizáveis pelos processos de globalização, e que agora acolhem os novos sujeitos da produção global. Grandes edifícios, exemplos de projetos de visão de longo alcance e de uma arquitetura racionalista. Como eram orgulhosos de sua identidade coletiva os “operários do passado”! Estavam cientes de pertencer a uma mesma classe, sentiam que de alguma forma aquela fábrica era a fábrica “deles” e que o futuro seria melhor. E como, ao contrário, estão sós e desesperados estes “novos produtores”, sem mitos ou ilusões, sem garantias: seu tempo é marcado apenas pelo hoje, apenas pela sobrevivência do hoje!

No galpão da ex-fábrica o clandestino utilizou papelão e tapumes para construir a “sua casa”: um colchão, uma cadeira e, em um canto, em uma prateleira de ferro bordada de teias de aranha, um fogãozinho incrustado construído por ele mesmo com um botijão de gás. Não tem água nem eletricidade, mas em compensação no fogãozinho está fervendo um bom café turco. Tudo é reciclado: os clandestinos são grandes mestres da reciclagem; compensam, sem querer, o desastre ecológico provocado pelo desperdício dos consumidores. Certamente existe coisa melhor do que essa moradia: alguns clandestinos vivem em apartamentos na cidade, embora para pagar o aluguel (irregular!) são obrigados a se espremer em poucos espaços restritos. Outros se acomodaram em velhas casas de veraneio, mas ficam longe demais do centro da cidade e é mais difícil encontrar trabalho. Mas há quem esteja pior. Por exemplo, os afegãos que encontraram abrigo embaixo de velhos reboques de trens enferrujados, em pequenas estações. Aqueles trens constituíam o orgulho da indústria do seu tempo, agora exatamente debaixo de suas rodas os clandestinos construíram meticulosamente pequenos abrigos entre o chão e o corpo do vagão. Não chegam a um metro de altura, é preciso entrar de joelhos. Contudo, na miséria do contexto, existem todas as características do morar. Cada um tem um cobertor como porta, dentro há duas ou três camas (roupa velha arrumada como colchão), o teto foi impermeabilizado com sacos de plástico. A água para lavar-se fica fora, em um tanque... e pensar que os afegãos, por serem refugiados, pelas convenções internacionais teriam direito a um programa completo de alojamento e alimentação.²⁰ E ainda há casos piores, daqueles que dormem embaixo dos viadutos, nas estações do metrô. Dizem que alguns garotos romenos dormem até nos bueiros das estradas da capital.

Nosso clandestino sai de outro galpão, o que foi destinado a ser latrina comum, onde há anos são despejados excrementos e urina de todas as raças do mundo. Agora finalmente está pronto e se dirige a pé para o ponto de ônibus. Aos poucos aparecem outros, em pequenos grupos, fazendo o mesmo caminho, são todos jovens e homens. Em alguns edifícios lá longe se vê a luz que filtra

pelas janelas trancadas. São os lugares de vida e de trabalho dos chineses. Lá o trabalho não parou nem durante a noite, lá se trabalha em turnos durante 24 horas; quem vai descansar simplesmente muda de quarto. São produzidos tecidos com dezenas de máquinas uma ao lado da outra. Aqueles são realmente os invisíveis: não saem, não são vistos, nem mesmo morrem.²¹ Tudo foi decidido e programado, desde antes de deixar a China.

“*Salam aleikum*”, cumprimentam-se no ônibus que os leva para a cidade, mas ninguém tem muita vontade de falar. Todo mundo cochila, são poucas as horas de sono. No ônibus somente o motorista é italiano, escuta música com o seu *walkie-talkie*. O clandestino vê do lado de fora da janela os elevados, os bairros-dormitório, as saídas das estradas, vê os ônibus que fazem o caminho contrário, vê os vagões do metrô e pensa nos outros clandestinos que se dirigem para os campos, para o trabalho nos campos. Dentro em breve devem encontrar-se na beira das estradas, em lugares que mudam todos os dias para evitar serem interceptados pela polícia; esperam que alguém chegue com uma van à procura de bóias-frias; um trabalho duro, mal remunerado. Requisitos? Força, pobreza e muito desespero.

A essa hora também as mulheres *rom* se preparam para a longa viagem para a cidade dos *gagé*. Elas limpam meticulosamente seus *trailers* e barracos, que são tão esqualidos do lado de fora como são coloridos e caprichados do lado de dentro: as paredes têm cores alegres, os tapetes são macios, as imagens da virgem se sobressaem em cima das camas. Os *trailers* estão colocados desarrumadamente conforme a ordem dos *rom*; longas fileiras de roupas estendidas para secar no sol, uma floresta de antenas parabólicas é testemunha da vontade de conhecer a vida dos *gagé*. Turmas de crianças barulhentas correm em volta, há cachorros e cavalos. Desde sempre os homens criam e vendem cavalos e recolhem ferro velho. Mais tarde eles também vão sair com seus calhambeques caindo aos pedaços. As mulheres estão saindo agora, em grupos, levando no colo as crianças menores, as longas saias coloridas, vão se oferecer para ler a mão, vão pedir esmola. De alguma forma, não importa como, vão conseguir ganhar o pouco dinheiro do dia.

Na luz do alvorecer o nosso clandestino vê outros estrangeiros mais sortudos, os regulares, aqueles que trabalham nos transportes ou gerenciam pequenas empresas e lojas. Os quitandeiros paquistaneses estão indo ao mercado hortifrutí. São eles que cuidam de quase todas as lojas de frutas e legumes, se ajudam entre si.²² Suas lojas, diferentemente daquelas dos italianos, ficam abertas o dia todo, todos os dias da semana. E há também os marroquinos com as pizzarias e com as quitandas, os filipinos com suas lavanderias e as empresas de limpeza.

Contudo, a presença dos migrantes na cidade permanece incolor, como pano de fundo.²³ De fato não são reconhecidos como titulares de necessidades e de direitos: são apenas um colorido adereço da cidade, um acessório doméstico, necessário para o funcionamento da casa e da cidade. Para alguns os migrantes deveriam ser apenas máquinas, em geral isentos de impostos. Agora, porém, entre o ponto de ônibus e o canteiro de obras é particularmente intenso o número destes “extracomunitários”.²⁴ Levam propagandas de casa em casa, vendem jornais,

expõem suas mercadorias falsificadas e recicladas em tabuleiros improvisados. Diante dos bancos, das lojas de luxo, e também nos cruzamentos, existe o olho das câmeras de vídeo que tudo vigia: cuidado, o “*Big Brother*” te observa.

Agora o clandestino está em frente ao canteiro de obras, na fila. Conhece todos eles, são quase todos albaneses, kossovares, mas todos estão em silêncio, estão competindo uns com os outros: o capataz escolherá quem vai ajudá-lo nos trabalhos mais pesados e os outros deverão ir embora. Hoje teve sorte! Nosso clandestino pode subir no andaime da casa em reforma. Não há redes de proteção, não há capacetes. Calma: ninguém controla nada nesta cidade! Os acidentes de trabalho, as “mortes brancas” (pois se você cair, não tem salvação!) aumentaram dramaticamente nestes anos, todo dia é como um boletim de guerra.²⁵ Mas, no fundo, quem decide é Alá! “Se está escrito, os homens nada podem”. E de toda forma, se você tinha medo, se você não queria se arriscar, não deveria ter vindo para a Itália... Agora nosso clandestino está no andaime, no telhado, lá embaixo está a cidade. Dá para ver a catedral, os prédios antigos, as alamedas arborizadas com a multidão que passeia alegre, no parque se enxergam umas crianças. Olha o perfil da cidade: quanto trabalho desconhecido para erguer estes edifícios. Procura pela sua fábrica, não a encontra: mas será que aquela zona ainda fica na cidade? Há momentos, como este, em que aperta a saudade da voz do muezim, faltam-lhe suas palavras, falta-lhe a barulheira animada de seu mercado, o cheiro salobro do mar. Sente-se na dúvida o clandestino, percebe que está na hora de decidir. Deve resolver se quer voltar definitivamente para sua casa, dentro de uns dois anos, comprar aquela lojinha no final da rua ou se vai tentar conseguir o visto de permanência, casar e trazer a mulher para a Itália. Aqui os filhos com certeza teriam um futuro melhor, mas também é verdade que hoje existe muito ódio, ódio demais contra os estrangeiros... é difícil decidir. Na pausa do almoço fala de suas dúvidas com os colegas de trabalho. Está em frente à barraquinha que vende kebab. Cada um fala o que pensa. E é este o melhor momento do dia: o lugar é animado, há também estudantes italianos, que vêm aqui com seus *scooters*. Eles sabem nossos nomes, falam de futebol, mas também de política, eles pensam como a gente. Ele encontra coragem, sente-se menos sozinho. E às vezes acontece até de encontrar aquela linda moça ucraniana, aquela que conheceu no ano passado.

Ela tinha acabado de chegar. Toda noite relembrava a viagem, relembrava a escuridão dentro do caminhão quando, perto da fronteira, foram trancados lá dentro, o tempo passava, faltava ar e havia um boato de que os guardas discutiam sobre o preço, mas afinal os deixaram passar. Claro, foi melhor do que com aqueles rapazes agarrados embaixo do caminhão, amarrados com cordas, entre os eixos das rodas! Os primeiros dias na Itália uma mulher de seu país a escondeu numa casa onde trabalhara como empregada: a patroa morreria e, como os herdeiros moravam em outra cidade, a amiga ainda estava com as chaves da casa. Naquela casa vazia mantinha as janelas fechadas e tentava imaginar quem teria sido a patroa observando os objetos da casa. Quando saiu a sanatória dos vistos temporários ela ainda não tinha encontrado trabalho. A sua amiga, ao contrário, entrou na fila na porta do correio quarenta horas antes da entrega dos formulários.²⁶ De noite, andando pela cidade, se deparava de repente com as longas filas. Havia

quem levasse uma cadeira, todos levavam um cobertor. Ela levava comida para sua amiga e lá conhecera o clandestino. Às vezes brincavam, era incrível aquela babel. Os italianos não eram hostis, sorriam, cumprimentavam dos ônibus, alguns paravam, demonstravam solidariedade. Quando o correio abriu houve tensão, mas deu tudo certo. As filas – descobriu nossa clandestina – marcam o tempo dos imigrados. Para requerer o visto provisório é preciso fazer longas filas diante da delegacia.²⁷ Agora ela também encontrou sua “vovó” para cuidar, a velhinha está com Alzheimer, mas pesa pouco e não precisa de muita força para lhe dar banho. As filipinas estão em situação melhor; normalmente são “*colf*”,²⁸ empregadas domésticas, nas casas burguesas, levam para a escola os filhos dos patrões, mas os patrões são muito exigentes. A nossa clandestina, ao contrário, vive sozinha com a senhora de idade, tem um quarto todo para si, tem água quente, televisão, mas é como estar na prisão. Pode sair somente para fazer as compras e precisa prestar atenção para não esbarrar na polícia, manter o olhar baixo, sem chamar a atenção. São milhares as cuidadoras²⁹ que trabalham ilegalmente, sem direitos sindicais, sem contribuir para a previdência. Correm sempre o risco de ser expulsas, não podem ir visitar seus filhos, não podem ir ver o marido: se saírem da Comunidade Europeia não poderão mais voltar. Há momentos em que a saudade parece sufocar. O dinheiro vai para casa até o último centavo, mas os filhos dão a entender que precisam de mais, para o celular, o *scooter*, os estudos. Em três, quatro dias uma cuidadora ganha o que o marido ganha num mês com a aposentadoria. Às quintas-feiras chega a neta da “vovó”; confere as contas da semana, adianta o dinheiro para a comida, lhe entrega seu salário e... assim chega a tarde de folga. As cuidadoras se encontram com o pope, geralmente em uma casa onde trabalham, a maior. O pope celebra a missa “deles” segundo o ritual ortodoxo e as convida a rezar, a ter esperança. Nossa clandestina caminha timidamente pela cidade, costuma ir sempre aos mesmos lugares. Anda pelas lojas de departamentos, gosta de olhar os vestidos de grife, os sapatos (como ela gosta de sapatos!). Depois vai ao phone-center, onde tem a impressão de estar nas Nações Unidas, ouve falar africano, indiano, romeno, marroquino, filipino, entra na fila e já não consegue esconder a emoção (como bate o coração ao escutar a voz deles!). À noitinha o encontro é numa rua lateral da praça. Os microônibus para a Ucrânia já estão à espera, as mulheres levam seus pacotes (eletrodomésticos, material eletrônico, roupas, cds), esperam com paciência, pagam conforme o peso e o valor declarado, há sempre alguém partindo, mandam-se mensagens orais e escritas, difícil segurar as lágrimas. Nos dias de trabalho as ucranianas se encontram no parque, o ponto é a barraquinha do kebab. São umas dez, cada qual com seu “vovô” ou sua “vovó”, alguns na cadeira de rodas. Formam um círculo, colocam os velhinhos no centro; elas, as cuidadoras, falam russo, os velhinhos ficam com o olhar perdido nas nuvens, ou olhando para os gramados, elas falando de seus filhos, às vezes brincando sobre a virgindade forçada, falam de Ferdi.³⁰ Quando necessário vão ao ambulatório para migrantes. Os médicos italianos são voluntários, você se sente à vontade, eles te escutam, passam os remédios, não vão te denunciar nunca. Aos domingos o parque da cidade fica animado, chegam os ônibus da periferia, cheios de extracomunitários. As mulheres senegalesas usam vestidos e bandanas coloridos, as etíopes vestem longas capas e se mexem com extraordinária graça

e elegância. São muitas as crianças dos estrangeiros. Quando não estão nos carrinhos brincam de correr, de bola. Brincam com as crianças italianas, com simplicidade, como quando estão na escola ou quando participam de festas e os pais ficam todos orgulhosos, todos iguais, italianos e estrangeiros, e conversam entre si, e se cumprimentam reciprocamente. Os paquistaneses ocupam habitualmente uma área no lado sul do parque. Os homens jogam cricket, fazem bonito com seus uniformes, ficam empolgados, arremessam a bola de couro e correm para pegá-la, rindo, brincando. As mulheres e as crianças à beira da quadra, os longos sáris, os negros cabelos brilhosos, esticam uma lona na grama, preparam um piquenique esperando por seus homens. O bairro onde vive nossa clandestina era uma vila operária, um lugar mítico para a esquerda. Agora, de italianos, só sobraram velhos. Alguns anos atrás as ruas eram desertas, hoje as lojas, na mão dos migrantes, voltaram a fervilhar, o africano fala com o árabe e o italiano, o bar coloca mesinhas do lado de fora, as pessoas param para conversar, alguns começam o “*arrasta-pé*”, o lento passeio do casal ou dos amigos, exatamente como na própria terra, e como, muito tempo atrás, acontecia também neste bairro. Alguns muros trazem frases xenófobas escritas por algum idiota, o caminhão do lixo não passa todos os dias como no centro. À noite alguns sul-americanos improvisam um churrasco na varanda de uma casa. Risadas e gritos misturam-se aos ritmos da salsa e do samba. Nossa clandestina fecha as janelas, já colocou a vovó na cama, agora acende a vela diante da imagem de São Nicolas, reza e pensa nos filhos que estão crescendo longe dela: pelo telefone percebeu que o menino mudou a voz, já parece um homem, e a filha? Deveria lhe explicar tantas coisas, mas como falar de certos assuntos pelo telefone?... O clandestino olha pela janela do ônibus que o leva de volta para “sua” fábrica, ele também está pensando nos seus filhos... nos filhos que ainda não tem. Hoje o mestre-de-obras lhe prometeu um apartamento na cidade e falou que vai ajudá-lo a conseguir o visto provisório. Nosso clandestino decidiu. Agora quer que seus filhos cresçam aqui: todos têm direito a uma vida melhor!

AS IDENTIDADES

A cidade da senhora ucraniana é bastante decente, se desenvolve essencialmente no interior das casas, permite conhecer profundamente a maneira de viver dos italianos. Para ela, porém, esta experiência constitui apenas um parêntese, longo e doloroso, não chega a ser uma mudança. Fala-se pouco italiano, fala-se muito mais em russo. E embora alguma coisa desse mundo penetre nela, a identidade cultural e étnica é preservada, talvez reforçada. O mapa de sua cidade não é amplo, todos os lugares ficam relativamente perto e todos reportam à sua terra de origem, como uma gigantesca rodoviária que junta duas partes da cidade, as duas ucranianas, distantes entre si milhares de quilômetros. É uma cidade virtual e real ao mesmo tempo, feita de linhas telefônicas, de meios de transporte, de troca ininterrupta de mercadorias. Ao contrário, o mapa da cidade do homem magrebino é muito ampla. Muitos quilômetros separam um lugar do outro, é preciso pegar vários meios de transporte, há muitas pessoas, muitos contatos. Tudo

acontece principalmente na rua. É uma cidade dura, impiedosa, injusta, onde há vazios e cheios. É uma cidade global, feita de conflitos, mas também de trocas. Aqui a identidade cultural é fortemente questionada.

São dois pontos de vista extremos entre os quais existem gradações intermediárias de utilização da cidade. Todas são complexas, e todas se caracterizam pela precariedade. Apesar da incerteza, ou talvez exatamente por isso, os clandestinos esforçam-se em adotar estratégias de re-invenção do cotidiano. Essa exigência fica evidente nos espaços de moradia mínimos inventados pelos magrebinos e pelos afegãos. Nestes lugares, mas sobretudo nos CPA, nos CIE e nas prisões, consolidam-se também lugares precários de troca em pequenos espaços de mercado improvisado. Nesses casos o significado simbólico é superior ao valor econômico da troca: é a tentativa de construir relações entre pessoas. A auto-organização dos clandestinos é uma espécie de compensação à ausência de políticas públicas de acolhida. Tudo aquilo que, espontaneamente, os clandestinos realizam no seu dia a dia, todas as relações e as interações, todas as micro-transformações que modificam os contextos espaciais, até aqueles mais extremos, tudo é testemunho da “necessidade de cidade” que todo indivíduo possui e exprime.

Os clandestinos tendem a se juntar por afinidades étnicas, mas principalmente porque são assimilados pela ilegalidade e pela exclusão. A identidade deles nasce da ausência de direitos. Existe por isso o risco de que a afirmação de uma diferença aprisione a própria pessoa, que a obrigue a autorreproduzir uma identidade estereotipada. Existe o risco de que a identidade do migrante seja percebida pelos outros, e até pelo próprio interessado, como a única identidade possível. A clandestinidade, ao invés de representar um evento de relevância administrativa, se torna um estigma totalizante, a essência mesma da pessoa. Mas também a identidade cultural e nacional do migrante pode fazer perder o sentido das múltiplas identidades existentes e potenciais em cada ser humano, que são justamente contraditórias e, enquanto tais, produtoras de experiências e habilidades. Talvez seja mais importante, por exemplo, ser jovem ou idoso, pai ou mãe, marido ou mulher, sonhador ou pragmático, artesão ou operário do que ser magrebino, chinês, romeno ou kossovar e, em todo caso, fundamental é não se sentir fechado em somente uma destas identidades. Da mesma forma, os cidadãos do país que os hospeda, por razões subjetivas ou coletivas complexas, podem ser dominados por uma obsessão nacionalista de identidade, especialmente se forem manipulados por políticas populistas, projeções de estratégias repressivas. A realidade é mascarada atrás de novos racionalismos e os sujeitos são obrigados a atos de defesa e de paranoia contra tudo o que é estrangeiro. Mas uma identidade única é sintoma de miséria, quase um estigma, enquanto que ser capaz de reconhecer dentro de si várias identidades é algo que enriquece e liberta. Ao invés de buscar a defesa da própria identidade, deveríamos, como propõe Agamben (1995), converter-nos em “singularidades sem identidade”. Essa possibilidade é praticada todo dia através dos encontros dos migrantes com os moradores da cidade: é uma oportunidade crucial para eles e para nós. Mas a ocasião do encontro não se resol-

ve espontaneamente: os sujeitos se demonstram ainda fechados demais dentro de um horizonte próprio individual. Precisamos urgentemente de políticas de longo alcance de acolhida e emancipação!

OS VAZIOS E OS CHEIOS

Na época de “A cidade de Iole” eu estava particularmente atento aos nós do mapa, os nós da rede de relações que Iole tecia. Interessavam-me os lugares onde se afirmavam identidades, onde se percebiam possibilidades de potencialização das energias. Hoje, diante do mapa do clandestino da cidade nua e insegura me parece, ao contrário, que ganham relevância as malhas da rede, os vazios, mais do que os lugares cheios. Parece-me que requer atenção o que ainda não foi expresso, o que é desconhecido, mais do que o contrário. Na cidade existem vazios: são espaços ou funções não catalogados, não encerrados em uma definição. Geralmente são percebidos negativamente e contrariam a ideia de ordem, e de qualquer forma não têm utilidade. Esses espaços são naturalmente usados pelos migrantes, que lhe atribuem um sentido. A circunstância nos permite entender que a cidade pode ser cheia de construções e vazia de sentido, ou, ao contrário, vazia de construções e cheia de sentido. Lao Tse diz: “*A realidade verdadeira de um quarto não são suas paredes, mas o vazio que elas contêm*”. Este vazio-cheio corresponde àquilo que Richard Sennet (1992) define a *consciência do olho*. Os antigos gregos em suas polis refletiam, através do olhar, sobre sua experiência existencial: os templos, os mercados, os foros, as estátuas representavam valores claros e percebíveis. A cultura moderna, ao invés, sofre de uma cisão entre o interior e o exterior, entre o si mesmo e a cidade. Hoje construímos lugares anônimos, espaços que afastam a ameaça do contato social. Os espaços das pessoas são reservados para fins de consumo ou de turismo. Essa banalização não é casual: o aspecto exterior reflete um grande medo oculto de se expor. A multiplicidade dos contextos, a ausência dos símbolos positivos representa a formalização crua e impiedosa da lógica competitiva que premia o forte e elimina o fraco. A cidade desumana que nós propomos para o clandestino é fruto da abolição da *agorá*,³¹ do lugar da dialética e do confronto. Hoje o poder se exerce no anonimato das redes virtuais e, na ausência de uma *agorá*, nossa sociedade da imagem é vítima de valores repressivos e autoritários e nós somos privados de democracia.

A cidade corre o risco de perder suas capacidades de promoção social e de emancipação. O futuro da cidade não se põe em jogo nas grandes cadeias de consumo, nos espaços padronizados e nos enclaves fortificados que se difundem fora e dentro das cidades. A duração e a conservação das cidades não dependem das grandes operações de embelezamento e renovação urbana. O futuro das cidades está nos *terrains vagues*, nos vazios, porque nestes lugares os temas do direito ao trabalho, à saúde, à educação dos filhos, a uma moradia digna são centrais para a sobrevivência e para a emancipação. Inspirando-me na famosa frase de Voltaire,³² penso que os critérios para julgar o valor de uma cidade não deveriam se basear nas belezas naturais, na riqueza, na arte ou nos monumentos. Ao contrário, seria necessário visitar as prisões e todas as instituições que controlam e confinam: é exatamente a maneira em que nesses lugares são respeitados os direitos das pessoas

que pode nos permitir conhecer o valor da cidade. É evidente que nossas cidades são prisioneiras de uma forte degradação social e civil. Contudo, o desânimo não deve fazer com que esqueçamos a presença de formas de reciprocidade e de redes de apoio, mais ou menos consolidadas, que todo dia são realizadas por quem mora na cidade, nativo ou estrangeiro: elas provam que ainda está viva a capacidade dos sujeitos de gerar solidariedade, promover relações e, portanto, produzir cidadania.

A CIDADE DOS VILAREJOS

Estamos numa linha fronteira onde se condensam tensões e possibilidades. A cada instante podem acontecer deslocamentos, significativos e dramáticos. A capacidade de mudança social põe à prova a capacidade de adaptação de cada um. As dinâmicas sociais de um lado promovem, de outro criam guetos, de um lado criam barreiras e divisões, de outro produzem instrumentos para superá-las. Em todo caso, o aumento do intercâmbio nos obriga a projetar uma cultura para uma sociedade cada vez mais complexa e multiétnica, capaz de expressar acolhida e relação. Hoje estamos totalmente mergulhados no risco da liberdade. Às vezes parece que nossas cidades se encontram espremidas entre manter as liberdades democráticas enfrentando o risco de uma perda relativa da própria segurança, ou restringir aquelas garantias democráticas pelas quais tanto se lutou. Na realidade se trata de um falso dilema, pois a única solução possível é sempre e de toda forma a afirmação da garantia dos direitos de todos.

Mahatma Gandhi (1996) separava os homens em duas grandes categorias: os que nasceram na cidade e os que nasceram nos vilarejos. Segundo o Mahatma, aqueles que nascem e vivem nos vilarejos são felizes, enquanto os outros serão inevitavelmente infelizes. Naturalmente com o termo “vilarejo” não se deve entender um lugar físico: “vilarejo” significa basicamente uma maneira de pensar capaz de recompor os equilíbrios sem marginalizar ou separar, e de expressar toda a versatilidade da sabedoria do homem. Mas no mundo as pessoas moram cada vez mais nas cidades e fogem dos vilarejos: esse dado pode não agradar, mas é incontrovertível e certamente não se pode propor uma volta ao vilarejo pré-moderno, que por outro lado não existe mais e que também abrigava contradições. A questão talvez seja outra: é preciso pensar a cidade moderna como um conjunto de vilarejos, como uma aliança entre unidades, pensar em corpos concretos, em pessoas que vivem em espaços concretos e que se podem encontrar, tocar, reconhecer. É preciso acreditar na possibilidade efetiva de que a utopia da “cidade do sol”, como diz o filósofo Campanella (2002[1602]), possa realizar-se junto com a “cidade da lua”. Nesse caso a cidade como um “conjunto de vilarejos” acolhe a ideia de um lugar onde é possível a troca de identidades, a criatividade, onde é perceptível uma razão comum para fundamentar a emancipação e a liberdade. É a utopia da cidade vivível e hospitaleira.

NOTAS

- ¹Na cidade de Imola foi realizada uma das mais importantes experiências italianas de desinstitucionalização. Na época do vídeo o hospital ainda estava aberto, em fase de desmonte; foram criadas, a seguir, cerca de trinta casas no território.
- ²A cidade genérica é “a cidade liberada da escravidão do centro, da camisa de força da identidade, é a cidade sem história, que não requer manutenção, igualmente interessante e desinteressante e despida de interesse em todas as suas partes e que, ao envelhecer, nada mais faz do que destruir-se e renovar-se” (KOOLHAAS, 1997).
- ³Na *sprawl town* os centros comerciais, as multisalas, as áreas industriais, as lotizações residenciais e as infra-estruturas criam um amálgama de ampla co-urbanização, onde as estruturas espaciais, mais ou menos densas, se deformam e se modificam no tempo (INGERSOL, 2004).
- ⁴Para estes o protótipo da retórica de conteúdos é, por exemplo, Brasília, que no embate com a desordem da vida cotidiana teria levado a pior.
- ⁵Não passam de 15% do total dos que chegam
- ⁶Calcula-se que nos últimos 10 anos morreram cerca de 13 mil pessoas no Mar Mediterrâneo.
- ⁷Logo depois do estupro praticado no parque de Caffarella em Roma foram presos dois romenos. Os presumidos culpados, mesmo diante da confissão de outros, só foram liberados depois de muitas semanas, porque “o inquérito poderia ter trazido à tona algum outro delito”.
- ⁸Em Nettuno um indiano que descansava durante um intervalo do trabalho é queimado vivo por três jovens “à procura de emoções fortes” (nas palavras deles).
- ⁹Muitos são presos apenas por terem violado algumas normas sobre a clandestinidade e se configuram como detenções à espera de juízo; as condenações são por períodos curtos, para os quais nenhum italiano ficaria preso. A prisão para um estrangeiro é muito dura, por falta de apoio econômico e afetivo por parte dos familiares, e porque, sendo contemplada a expulsão no final da pena, não existem programas alternativos à prisão.
- ¹⁰Enquanto que todas as leis internacionais obrigam a averiguar se existe um direito de asilo.
- ¹¹Nome com que são chamados na Itália os ciganos (n.d.t.)
- ¹²Acusa-se uma garotinha cigana de 13 anos de ter tentado sequestrar uma criança italiana. Dias depois fica claro que foi uma armação da camorra para especular sobre o terreno ocupado pelos rom.
- ¹³Partido que defende os privilégios da população do Norte, claramente xenófobo; seus votos são determinantes para o governo de direita de Silvio Berlusconi.
- ¹⁴O crime pode ser punido com multas até 10.000 € e até 4 anos de prisão; os filhos de emigrantes irregulares não podem ter registro civil, mesmo que tenham nascidos na Itália; os clandestinos não podem utilizar os serviços internacionais de transferência de dinheiro.
- ¹⁵Estas estruturas receberam no decorrer dos anos várias denominações, que testemunham da evolução da ideologia dominante: de “Centros de Acolhimento Temporário” a “Centros de Permanência Temporária”, até “Centros de Identificação e Expulsão” (CIE). Também a duração da permanência mudou: de um mês para 2 meses e no final até para 6 meses. É o tempo necessário para identificar o migrante e avaliar o seu pedido de asilo.
- ¹⁶Os Centros de Primeira Acolhida (CPA) estão situados nas localidades de chegada dos migrantes para garantir socorro humanitário.
- ¹⁷É o caso de uma jovem grávida de 18 anos que morreu afogada, e foi deixada durante quatro dias em uma chalupa de salvamento puxada pelo navio turco que fizera o resgate de outros 257 migrantes. Foram necessários quatro dias para que Itália e Malta chegassem a um acordo sobre quem deveria prestar socorro aos clandestinos.
- ¹⁸Para os Sinti-Rom Todos os que não pertencem ao seu povo são definidos “*gagé*”.
- ¹⁹Às vezes na entrada do acampamento se ergue um pré-fabricado que representa o lugar de primeiros socorros, mas essa estrutura ressalta ainda mais o caráter de precariedade.
- ²⁰Isto acontece na estação de Roma Ostiense e foi denunciado pela organização “Médicos para os direitos humanos”, que estacionam com seu camper nas proximidades da estação e fornecem informações, oferecendo assistência aos refugiados.
- ²¹Em alguns casos descobriu-se que alguns cadáveres voltaram clandestinamente para sua pátria – para Sezhuan – para serem sepultados na terra de seus pais. Sua identidade serviu aos que os substituíram, e ninguém se deu conta da troca.

- ²² Em alguns casos, no país de origem, organizações mais ou menos lícitas providenciam capitais para os emigrantes impondo juro de agiotagem ou controlando diretamente a atividade do emigrante.
- ²³ Na realidade, os migrantes representam 7% de toda a população italiana.
- ²⁴ Em geral, as definições dos estrangeiros, como neste caso, assinalam sempre uma identidade negativa, uma falta!
- ²⁵ Os acidentes de trabalho que vitimam estrangeiros passaram de 82.000 em 2001 para mais de 140.000 em 2007.
- ²⁶ Com a sanatória o governo estabelece a cota máxima de migrantes a serem regularizados naquele ano, permitindo aos clandestinos que já tiverem um trabalho autodenunciar-se, regularizando assim sua situação. Em dezembro de 2006, 400.000 pessoas se postaram diante das agências dos Correios. Posteriormente foi permitido apresentar o pedido pela internet.
- ²⁷ Segundo dados recentes, de 740.000 pedidos só foram resolvidos 67.627. São necessários cerca de 220 Euros para apresentar o pedido de visto, mas sempre falta alguma coisa, a burocracia é lenta, precisa voltar várias vezes. Demora em média 291 dias para receber um visto provisório anual, que às vezes quando chega já está vencido.
- ²⁸ “*Colf*”, um neologismo para *colaboradora familiar*.
- ²⁹ O termo em italiano, *badante*, é um neologismo que ofende quem ajuda e quem é ajudado. A maioria destas pessoas (67%) tem formação superior. Quem trabalha como cuidadora ganha entre 600 e 900 Euros por mês. Somente 650.000 têm carteira assinada, entre as 1.050.000 de famílias que se servem desse serviço.
- ³⁰ Trata-se de um montenegrino, que no passado era clandestino também, e que ganhou um reality show na televisão – “*O Big Brother*”. Agora é rico, tornou-se uma estrela da televisão.
- ³¹ *Agorà* (em grego *ἀγορά*, de *ἄγω*= conduzo, governo) é o termo com o qual na Grécia antiga indicava-se a praça principal da polis. Era o centro, tanto do ponto de vista econômico e comercial, como do político e religioso; era o lugar onde se exercia a democracia por antonomásia.
- ³² Segundo Voltaire uma nação deve ser julgada pela maneira em que gerencia suas prisões.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Homo sacer: Il potere sovrano e la nuda vita*. Torino: Einaudi, 1995.
- AGIER, M. *Between war and city: towards an anthropology of refugee camps*. *Ethnography*, v. 3, n. 3, p. 317-341, 2002.
- AUGÉ, M. *Non luoghi: introduzione ad una antropologia della surmodernità*. Milano: Elèuthera, 1993.
- BAUMAN, Z. *Modus vivendi: inferno e utopia del mondo liquido*. Roma-Bari: Laterza, 2008.
- _____. *La società sotto assedio*. Roma-Bari: Laterza, 2003.
- BRUNELLO, P. *Urbanistica del disprezzo: campi rom e società italiana*. Roma: Manifesto libri, 1996.
- CALVINO, I. *Come è bella la città*. Torino: Einaudi, 1977.
- CAMPANELLA, T. *La città del sole* (1602). Milano: Feltrinelli, Universale Economica, 2002.

Ernesto Venturini

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1979.

GANDHI, M. K. Teoria e pratica della non violenza a cura di Pontara G. Torino: Einaudi, 1996.

INGERSOLL, R. *Sprawltown*. Roma: Meltemi, 2004.

KOOLHAAS, R. La città generica. *Domus*, n° 791, p. 3-12, mar. 1997.

PAONE, S. *Città in frantumi*: sicurezza, emergenza e produzione di spazio. Milano: Franco Angeli, 2008.

SAYAD, A. *La doppia assenza*: dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato. Milano: Raffaello Cortina, 2002.

SENNET, R. *La coscienza dell'occhio*: progetto e vita sociale nelle città. Milano: Feltrinelli, 1992.

Recebido em: junho de 2009

Aceito em: agosto de 2009